

# LER A BÍBLIA

*José Comblin*

A Bíblia é um livro único. A leitura da Bíblia é uma atividade única. Não se lê nenhum livro como se lê a Bíblia. Isto ficou muito mais claro a partir das experiências de leitura bíblica nas comunidades cristãs, particularmente das comunidades pobres, tais como foram e ainda são realizadas na América Latina. Esta leitura foi de certo modo um fenômeno novo, pelo menos novo como projeto explícito, ainda que de maneira mais implícita estivesse sempre presente em toda a história cristã.

## **Leitura contextual**

A Bíblia não é uma exposição de uma doutrina de filosofia ou de sabedoria como uma mensagem dirigida à inteligência. As obras de filosofia ou de sabedoria pretendem expressar objetivamente verdades universais, válidas para todos. Elas se dirigem ao leitor como a uma pessoa que representa a consciência universal da humanidade. A leitura vale de igual maneira para todos e pretende comunicar a todos uma ciência universal.

Na realidade essas obras não dizem nada de novo porque explicitam o que estava na consciência de todos. O leitor reconhece nesse livro o que já sabia. O livro expressa uma consciência universal dentro de um contexto cultural determinado que não afeta a sua universalidade. O leitor não aprende nada de novo porque encontra o que estava mais ou menos escondido na sua consciência.

A Bíblia não é também uma coleção de palavras ditadas por Deus, como se cada uma delas tivesse sido pronunciada por Deus. Esta concepção está na compreensão popular do Alcorão. Há também cristãos que se representam a Bíblia dessa maneira porque não têm formação suficiente para reconhecer que Deus se expressa de maneira diferente.

Pela Bíblia Deus fala a todos e cada um em particular. Não enuncia verdades abstratas e universais, mas revela a cada um qual é a sua vocação, a sua missão, o caminho a seguir. Por isso, a Bíblia tem milhões de sentidos diferentes. Alguns podem estudar a Bíblia como uma obra literária, representativa de uma cultura ou do gênio literário de muitos escritores. Pode-se fazer dessa maneira um estudo acadêmico da Bíblia. Nesse caso o estudioso pode ler a Bíblia sem se sentir afetado em nada. A Bíblia permanece fora dele. É objeto de uma atividade intelectual. Depois da leitura a vida continua igual.

Mas este não é o verdadeiro sentido da Bíblia como livro que expressa a palavra de Deus. Para nós não se trata de conhecer uma obra literária. Pela Bíblia Deus fala a cada um de modo particular no contexto de vida em que se encontra. Por isso importa ter consciência da maneira como Deus fala.

## **A palavra de Deus**

A palavra de Deus não se confunde com as palavras humanas que usa. A Bíblia, como livro de revelação, não consta simplesmente de palavras humanas. Deus não usa palavras. Todas as palavras são produto de culturas humanas e expressam algo de uma cultura. As palavras da Bíblia emanam de uma cultura, ou, melhor dito, de uma fase histórica da cultura hebraica. Quando um profeta diz: “oráculo do Senhor”, ele não pretende dizer que ouviu essas palavras. Ele se sentia empurrado a falar por uma força maior do que a sua própria personalidade e expressou esse movimento com palavras tiradas da sua cultura. As palavras são da sua cultura. Não são de Deus. O que é de Deus é a mensagem que Deus nos dirige a nós pelo canal dessas palavras.

Estas são as palavras de Deus: 1. o movimento do universo, a criação permanente que contém toda a história do universo com o seu movimento permanente e toda a história da humanidade; 2. as preparações da vinda de Jesus pelas palavras dos profetas, sejam elas de Israel ou de outros povos; 3. o próprio Jesus em toda a sua vida humana. Esta é a palavra definitiva e que confere sentido a todo o resto. “A Palavra se fez carne.”

Jesus não escreveu nenhum livro nem mandou escrever livros. Não formulou uma doutrina. A palavra de Deus são os atos, os gestos, os movimentos de Jesus e as palavras conservadas dele explicitam o sentido dos seus atos. A revelação é a vida vivida por Jesus no seu contexto histórico.

Todos os gestos de Jesus são situados na história e são marcados pela cultura do seu povo. No entanto, pela vida de Jesus Deus revela-se a cada um de nós, no meio de todas as determinações da nossa vida. O que é que Deus revela? O que está fazendo ou quer fazer em cada um e por cada um de nós. Deus não revela o que quer por meio de palavras, mas por meio da vida humana de Jesus. Isto supera qualquer discurso. Para saber o que Deus é e quer, precisamos olhar a vida de Jesus. Jesus não vem para revelar com discursos o que seria Deus. Ele mesmo é a revelação. Não há nenhum segredo além dessa revelação. Nela Deus diz tudo, tudo o que é e quer.

Jesus não nasceu pobre por condescendência para com a fragilidade humana, como expressão de uma compaixão pelos pobres. Jesus nasceu pobre porque o Pai é assim. É aquele que diante dos seres humanos é sem poder, sem imposição, sem arrogância, como um Pai verdadeiro, humilde. A sua única força é a força do amor que desperta mais amor.

Com muita sabedoria a Lei antiga proibia que se fizessem imagens de Deus. Os cristãos não foram fiéis e fizeram imagens de Deus. Representaram-no como um ancião venerável, ou como um rei, como um verdadeiro sábio diante do qual o povo manifesta respeito admiração. O Pai não é nada disso e todas essas imagens confundem o povo que pretendem ensinar.

## **O Espírito ensina**

O Espírito faz aparecer o significado da vida de Jesus no contexto de cada um dos seres humanos. Estamos num contexto muito diferente do contexto histórico em que

vivia Jesus. No entanto o que ele viveu tem a sua aplicação na nossa vida individual e coletiva. Nenhuma exegese é capaz de fazer essa operação. Quando a exegese procura tirar dos textos da Bíblia uma doutrina válida para todos, ela expressa uma pseudo-revelação universal que não revela nada para ninguém e deixa todos os leitores frente a uma cultura inexistente num mundo inexistente, mas concebido por uma inteligência humana. É uma projeção de uma cultura humana que pretende orientar todos os homens e as mulheres.

Somente o Espírito ilumina a nossa vida pela vida de Jesus. Somente ele mostra o que significa isso hoje e aqui. O Espírito age com a maior diversidade. Em cada pessoa a sua atuação é diferente. Por isso nenhuma pessoa humana pode explicar a outra pessoa o que o Espírito lhe diz. Pode ajudar a prestar atenção, mas não pode saber o que o Espírito diz a outra pessoa.

O Espírito não mostra tudo de uma vez. Ele acompanha a evolução de cada pessoa em todas as etapas da sua vida, no meio de todas as limitações encontradas a cada momento. O descobrimento do sentido atual da Bíblia para cada um de nós nunca chega a ser exaustivo. Tem avanços e recuos. A evolução acompanha a vida da pessoa, que também tem avanços e recuos.

### **A revelação e os evangelhos**

Ninguém escreveu uma vida de Jesus. A tradição conservou e autenticou quatro escritos que reúnem fatos e palavras de Jesus. São quatro versões diferentes, quatro interpretações da vida de Jesus sem pretensão de ser exaustivas. Cada um dos quatro evangelhos procede de pessoas ou de grupos diferentes. São quatro interpretações da vida de Jesus em quatro contextos históricos diferentes. Essa diversidade mostra claramente a diversidade das compreensões da vida de Jesus nos diversos contextos culturais.

Os quatro evangelhos foram escritos entre 30 e 70 anos depois da morte de Jesus. Recolheram lembranças dos ditos e dos fatos de que foram testemunhas na vida de Jesus. Não havia nenhuma vida oficial, mas já quatro interpretações que foram reconhecidas como autênticas pelas comunidades cristãs na ausência de qualquer autoridade.

Cada evangelho reflete uma cultura, o que mostra que é impossível ter acesso a Jesus sem passar por uma cultura. No entanto, o que vale para todos nos escritos evangélicos não é o que se refere à cultura do tempo e do meio em que surgiram, mas aquele núcleo que está em todos e do qual não se pode fazer uma relação exaustiva.

Na transmissão, entre Jesus e nós, o Espírito está presente em todas as fases da história e da vida de cada um de tal modo que podemos conhecer pouco a pouco em diversas circunstâncias e episódios da nossa vida o que Deus nos revela.

Os outros escritos do Novo Testamento explicam a mensagem dos evangelhos. Explicam o que significa Jesus. Também devem ser entendidos a partir da cultura deles. Não podemos ler esses escritos a partir de teologias posteriores. As teologias posteriores tenderam a oferecer de Jesus ressuscitado uma imagem inspirada nos poderes desta terra: o poder dos imperadores, dos sábios, dos sacerdotes. Essas imagens de poder

nasceram por um retorno a formas de poder do Antigo Testamento e a influência da cultura do ambiente romano.

O Antigo Testamento deve ser lido à luz do Novo. Pois ele contém muitos elementos que procedem das culturas pagãs no meio das quais vivia Israel. Os profetas falaram para libertar o seu povo dessas infiltrações, mas não conseguiram a não ser em alguns grupos fiéis à herança dos patriarcas. O retorno ao Antigo Testamento significou várias vezes um retorno à religião desviada do templo e não à herança dos profetas.

Uma vez que o cristianismo penetrou na cultura romana, ela foi sujeita às influências das filosofias e das religiões que estavam presentes no Império. A fermentação dos gnosticismos mostra o quanto os cristãos estavam pressionados por sincretismos que tiravam dos evangelhos a palavra de Deus. Fizeram de Jesus uma figura sofisticada, espiritualizada, colocada no meio das representações pagãs de Deus.

### **A recepção da palavra de Deus**

Essa recepção não é obra intelectual. Não exige uma formação intelectual superior à formação de todos os seres humanos, ainda que sejam iletrados. Uma formação intelectual mais desenvolvida pode ser um obstáculo. Pois um intelectual pode querer colocar como suposta palavra de Deus a sua própria personalidade com as suas próprias opções e compreensões.

No entanto, a recepção está condicionada pela cultura dos receptores. Um fato bastante reconhecido é a diferença das línguas. Pois as línguas fazem boa parte da cultura. É a dificuldade de traduzir um texto para línguas que não pertencem à mesma família. É muito difícil traduzir os textos hebraicos ou os textos gregos escritos numa mentalidade hebraica para as línguas ocidentais. Os conceitos básicos do Novo Testamento não têm traduções adequadas nas línguas ocidentais.

As palavras ocidentais não correspondem a conceitos bíblicos. Isto vale para as palavras “palavra”, “amor”, “fé”, “messias”, “igreja”, “Espírito”, “carne”, “pecado”, “lei”, “paz”. Por exemplo, o que traduzimos pela palavra “paz” significava mais a felicidade, como na língua hebraica. Quando entramos numa casa, não dizemos “paz nesta casa”. Esta não é uma fórmula de saudação. A saudação é sempre uma expressão de felicidade: “bom-dia”. E assim por diante.

Durante muito tempo a Igreja romana impôs uma tradução só, a chamada “Vulgata”. Era a imposição de uma opção, uma cultura de um grupo dentro do povo de Deus. Felizmente hoje em dia temos muitas traduções em todos os idiomas. Isto nos permite mais facilmente descobrir o contexto cultural em que se fez a tradução e, por conseguinte, a influência da cultura na compreensão do texto escrito nesse contexto.

Para falar somente das culturas contemporâneas, temos hoje em dia duas grandes culturas, uma cultura burguesa e uma cultura dos pobres. Cada cultura faz uma leitura diferente da Bíblia e, sobretudo, dos evangelhos.

A cultura burguesa descobre nos evangelhos um Jesus dotado das virtudes que os burgueses se atribuem a si mesmos: o amor, no sentido sentimental da palavra, o amor

à família, o respeito da autoridade, a ausência de política na vida de Jesus que não alude ao Império Romano a não ser que tem que dar a César o que é de César, a compaixão pelos pobres, pelas mulheres, a predileção pelas crianças. Além disso, a cultura burguesa insiste nos milagres que são uma prova da divindade de Jesus. Tem de Jesus uma visão espiritualista que se exprime pelas imagens pintadas ou esculpidas que o mostram totalmente espiritualizado, alheio ao nosso mundo. Nenhum homem queria parecer-se com o retrato que fazem de Jesus, mas Jesus é desumanizado e situado num mundo religioso que é inofensivo para a ordem estabelecida. A cultura burguesa gosta de um Jesus que está longe dos problemas, sociais, culturais, económicos do nosso mundo. Gostam de Jesus que fica acima de tudo isso e nos deixa fazer negócios sem problema.

A cultura dos pobres é diferente. Não é a cultura de todos os pobres, porque muitos se deixam seduzir pela cultura dos burgueses ainda que não possam ter acesso ao mesmo consumo material. Mas a cultura dos pobres, que conhecemos na América Latina em muitos lugares, leva a uma leitura diferente. Esta destaca as palavras de esperança para os pobres e os oprimidos, o anúncio do Reino de Deus, as lutas de Jesus contra os opressores do seu povo. Ela contempla a vida terrestre de Jesus nos seus aspetos humanos, o que o torna semelhante aos pobres que lutam pela vida. Deixa-se seduzir pela materialidade da sua vida.

Quais são os pobres que fazem essa leitura da Bíblia? São as pessoas que não têm possibilidade de dominar outras pessoas. Há homens pobres materialmente que oprimem as mulheres. Há adultos pobres que dominam as crianças. Mas há os pobres que não dominam e se sentem iguais aos outros pobres. Esses são os que fazem essa leitura.

Esta leitura leva a uma vontade de mudança na vida dos leitores, a uma vida ativa a serviço do advento do Reino de Deus. A leitura burguesa leva a sentimentos religiosos mais fortes, mas não leva a nenhuma forma de ação. Porém, a revelação de Deus é uma força que empurra para frente. Afinal tudo depende da concepção que se faz de Deus: como objeto de adoração ou como força de vida.

Há outra diversidade de interpretação. Por um lado temos a leitura dentro de uma cultura racionalista, que tende às abstrações como a cultura ocidental. Por outro lado temos a leitura menos racionalista, que se apega mais ao linguajar metafórico, aberto; é a leitura que prevalece na maioria das culturas não ocidentais.

Os ocidentais procuram nos evangelhos uma expressão racional de verdades universais. Procuram uma doutrina ou uma teologia. Consideram que o linguajar dos evangelhos é uma concessão feita à fraqueza de racionalidade de povos que ainda não tiveram acesso ao jogo da razão. Aceitam o texto dos evangelhos por condescendência para com os pobres e admiram a humildade de Jesus que se torna acessível aos ignorantes. Acham que a leitura mais racional é superior e aproxima mais da verdade.

A cultura ocidental gerou a teologia, que é uma tentativa de expressar a palavra de Deus nos quadros racionais da intelectualidade ocidental. A teologia começou no século XIII e na Igreja católica ainda é considerada superior ao texto bíblico. A teolo-

gia é a base da formação dos dirigentes da Igreja e não a Bíblia à qual se atribuem expressões de homenagem, sem possibilidade de prevalecer sobre a teologia. Considera-se que a teologia fornece um conhecimento mais seguro, mais firme, mais maduro. Aham que a melhor interpretação dos evangelhos se realiza nas faculdades de teologia. Isto nem sempre se expressa explicitamente, mas está implícito em todos os comportamentos individuais ou coletivos.

Nas outras culturas, estima-se que o linguajar metafórico, parabólico, expressa melhor a revelação de Deus porque se presta mais ao descobrimento do seu significado para a nossa vida presente. Do linguajar teológico devemos deduzir princípios universais de conduta. Mas esses princípios não me dizem qual é a minha vocação atual, o que devo fazer agora. O linguajar metafórico é mais sutil, mais flexível, adapta-se melhor à procura de um agir concreto numa situação bem determinada e sempre única.

Há a suspeita de que a teologia, que quer buscar a substância dos textos evangélicos, acrescenta alguma coisa que não é evangélica. Tira deles uma doutrina rígida, dura, útil para condenar, mais incapaz de perdoar. A revelação de Deus fez-se num linguajar metafórico não por condescendência pelos pobres ignorantes, mas exatamente porque queria deixar um espaço de liberdade à procura das pessoas reais e concretas. Os textos evangélicos não querem explicitar tudo, não querem determinar. Deixam espaços de liberdade. Os textos bíblicos não formulam dogmas. Os dogmas são perigosos porque permitem excluir, levam a excluir os chamados hereges. Jesus não condena hereges.

A teologia acrescenta algo que Jesus não queria. Permite que pessoas se achem donas da verdade, juízes das palavras da Bíblia, pretendendo dizer melhor do que a Bíblia o que Deus quis dizer. Por isso a teologia é um instrumento perfeitamente adaptado ao exercício de um magistério autoritário.

Os textos bíblicos não nos levam a querer saber o que Deus não quis determinar; levam-nos, sim, a respeitar os silêncios, aceitando que é melhor manter uma insegurança do que impor uma segurança. A teologia por via de conclusões ditas racionais pretende chegar a afirmações que Deus não quis expressar, deixando um espaço de liberdade.

Haveria outras diversidades. Haveria, por exemplo, a diversidade entre uma leitura feminina e uma leitura masculina da Bíblia, já que os contextos culturais são diversos. Mas o que dissemos até agora basta para reconhecer que há diversas interpretações e que não são de valor igual.

### **A leitura comunitária**

A história das comunidades cristãs na América Latina dá testemunho da leitura coletiva da Bíblia. Esta não foi muito desenvolvida na cultura ocidental, sobretudo, depois do século XVI, em que a Igreja se deixou penetrar pelo individualismo moderno com o grito de guerra “Salva tua alma!”

As comunidades descobriram que há muitas vocações, muitos apelos ao agir que são coletivos. Muitas ações envolvem uma comunidade. Quem vai fazer essa leitura e

descobrir qual é a palavra de Deus relacionada com o agir da comunidade? Não pode ser uma autoridade que queira impor a sua preferência. O agir deve ser objeto de uma procura comunitária. A leitura coletiva da Bíblia num diálogo suficiente fará descobrir a palavra de Deus para a comunidade.

A leitura coletiva não pode ser uma competição em que a maioria impõe a sua opção a uma minoria. A verdadeira leitura coletiva prolonga-se até que se chegue não necessariamente à unanimidade absoluta, o que parece impossível, mas a um amplo consenso.

A leitura comunitária pode também ajudar uma pessoa a entender o que Deus quer dela por meio da Bíblia. A busca comunitária confere mais segurança, sobretudo, quando se trata de opções mais especiais. Também a leitura comunitária inclina para prestar ajuda a pessoas que buscam a sua vocação atual, sobretudo se é preciso tomar decisões importantes.

A leitura coletiva impede a precipitação, ajuda a descobrir ilusões, e a corrigir certos aspetos que podem desviar da opção fundamental.

A leitura da Bíblia supõe certa familiaridade. Para descobrir nela o que Deus quer de nós devemos lembrar-nos de muitos textos para que de muitos apareçam aqueles que iluminam a nossa atual situação mostrando o caminho a seguir.

Não podemos esperar que sempre aconteça o que aconteceu com Santo Agostinho no episódio narrado por ele no livro das Confissões. Estava no quintal da sua casa e ouviu uma voz de criança que dizia: “Tolle! Lege!” (pegue e leia). Agostinho entendeu que essas palavras se dirigiam a ele e à Bíblia que tinha perto de si. Entendeu que devia abrir o livro e ler. Abriu e caiu no texto da carta aos romanos que interpretou como um convite urgente para sair da sua vida pecaminosa.

Várias vezes sucedeu que pessoas que conheceram esse episódio da vida de Santo Agostinho, acharam bom fazer a mesma coisa. Abriram a Bíblia e como por acaso caíram num texto que lhes parecia referir-se ao seu caso. Pode acontecer, mas é melhor não confiar demais nesse procedimento.

É mais prudente fazer como esse índio ao lado do qual eu estava sentado por acaso num ônibus no Equador. Ele estava lendo a Bíblia com muito recolhimento. Perguntei-lhe: “O senhor vai ler todo esse livro?” Ele me respondeu: “Já o li seis vezes, e cada vez aprendo uma coisa nova”. A familiaridade com a Bíblia ajudará a descobrir as palavras que expressam a palavra que nos dirige o próprio Deus.

*José Comblin*  
Rua Rosinaldo Santana 900  
58308-650 Bayeux/PB  
comblin@terra.com.br